

El Imperialismo em todas as agendas

<https://pcrtbrasil.blogspot.com/2023/06/introducao-ao-imperialismo-claudio-katz.html?spref=tw>

Introdução ao imperialismo * Claudio Katz

A nova guerra fria promovida pelos Estados Unidos contra a Rússia e a China está desorganizando o cenário internacional. A OTAN recupera protagonismo, a Europa e o Japão se rearmam e a militarização permeia todas as relações internacionais. As consequências dessa escalada já se verificam nos dois conflitos que convulsionam o planeta. A guerra na Ucrânia e as tensões no Mar da China antecipam os efeitos dramáticos dos confrontos em curso.

Este livro apela para um retorno ao conceito de imperialismo para esclarecer o novo cenário internacional. Propõe-se superar a omissão dessa noção entre os comentaristas da política mundial, que tendem a evitá-la por causa de suas óbvias conotações críticas. A simples menção do imperialismo nos lembra que as potências dominantes afirmam sua supremacia pela força.

Para disfarçar a preeminência dos Estados Unidos nessa função coercitiva, os porta-vozes da primeira potência usam noções substitutas. Descrevem o gigante norte-americano como um "protetor do Ocidente" que "guarda a ordem mundial". Eles aumentam especialmente a capacidade de dissuasão do Pentágono para evitar o caos, que a ausência de um "garantidor do equilíbrio internacional" causaria. No máximo, mencionam o imperialismo para denunciar as incursões do campo adversário. As agressões da OTAN são invariavelmente aprovadas ou silenciadas.

Este livro enfrenta essas justificativas de frente e desenvolve inúmeras críticas contra seus porta-vozes. Mas também registra que a relutância em identificar os Estados Unidos

com o imperialismo não é mais tão unânime entre os intelectuais do establishment. Na era Bush, os ideólogos neoconservadores começaram a exaltar essa conexão. Eles exaltaram a invasão do Afeganistão e do Iraque e ponderaram desinibidamente a ação imperial do Pentágono.

Esta exaltação foi também partilhada por algumas tendências liberais, que elogiaram a renovada ação civilizadora dos fuzileiros navais, em regiões periféricas desprezadas ou povoadas por etnias igualmente desqualificadas. Ambas as correntes elogiaram a missão imperial que atribuem a um mandato divino ou a solicitações da "comunidade internacional".

Essa idealização do imperialismo perdeu sua incidência após o fiasco enfrentado pelos invasores em Bagdá e Cabul. Seu fracasso diluiu por alguns anos a fantasia de recriar um "novo século americano". Mas depois de uma década, o elogio e a camuflagem da conduta imperial dos EUA reapareceram por completo. Os exaltadores enfatizam a conveniência de tornar esse comportamento dominante transparente para maximizar sua eficácia, e os ocultadores advertem contra a rejeição que essa glorificação gera. As menções ao imperialismo nas publicações da elite hegemônica se expandem e se contraem, em sintonia com a pregação de uma ou outra variante.

As referências ao imperialismo entre os pensadores críticos não estão sujeitas a essas condições, mas têm menos peso do que outros conceitos. Os desafios ao neoliberalismo ou ao capitalismo são muito mais frequentes do que os desafios ao imperialismo. Essa desconsideração costuma dificultar a avaliação do cenário internacional.

Este livro visa reverter esse descaso usando o conceito de sistema imperial. Essa noção contribui para investigar a tríplice dimensão econômica, política e geopolítica do principal dispositivo de dominação global. O primeiro plano envolve o confisco de recursos sofridos pela periferia, o

segundo ilustra como os poderosos enfrentam a insurgência popular e o terceiro esclarece as rivalidades entre os poderes.

O sistema imperial é a principal estrutura de expropriação, coerção e competição, que os grandes capitalistas sustentam para preservar seus privilégios. No capítulo que inicia a primeira parte, apresenta-se uma síntese desta abordagem e no restante do livro estuda-se o comportamento dos protagonistas, parceiros, companheiros e adversários deste dispositivo.

O sistema imperial está em vigor desde a segunda metade do século XX e difere significativamente de seu precedente clássico do século passado. As guerras generalizadas entre potências capitalistas que marcaram aquele período não se repetiram no cenário posterior. Nesse contexto, os antigos impérios também não reapareceram. O modelo contemporâneo é baseado em fundamentos sociais e gestão capitalista muito distantes desses precedentes.

Mas o sistema atual mantém o pilar coercitivo que todas as modalidades imperiais compartilharam, para estabelecer primazias, monopolizar lucros e consolidar o poder com o uso da força. Essa centralidade persistente da violência é ilustrada em várias partes do livro. Esses exemplos confirmam que o sistema imperial não se limita à mera administração da supremacia econômica. Tampouco restringe sua atuação à reprodução de mitos, crenças e ideologias que validam o status quo . Assegura a preservação do capitalismo com gigantescas salvaguardas militares.

ESTADOS UNIDOS E CHINA

A segunda seção do livro examina a peculiar liderança americana do sistema imperial. Washington administra esse dispositivo por meio da OTAN para subjugar aliados e assediar rivais. Ele usa periodicamente esse mecanismo para

recuperar o domínio, capturando riquezas, reprimindo rebeliões e dissuadindo os concorrentes. Nesses momentos, ela emprega o enorme poderio militar que alimenta sua onerosa economia de armas. Com novas guerras híbridas, arruína sociedades e destrói Estados, recriando cenários dramáticos de refugiados e vítimas civis.

O desaparecimento da URSS encorajou esse tipo de aventura e impulsionou a superexpansão militar, que corrói periodicamente a estabilidade do sistema político estadunidense. Washington recorre ao belicismo para neutralizar seu declínio econômico, mas não consegue conter esse declínio com incursões externas. Mantém grande superioridade bélica, juntamente com significativas vantagens tecnológicas e financeiras. Mas não conseguiu enfrentar o impressionante desafio da China com esse destaque. As ações do Pentágono não compensam as falhas estruturais que o primeiro poder arrasta.

Todas as tentativas de renascimento imperial dos EUA também corroeram a coesão interna do país. Os fracassos de Trump e a impotência de Biden ilustram esse efeito, que corroeu todos os governos nas últimas décadas. Essa crise de longo prazo não implica igualmente um declínio contínuo e vertiginoso da primazia dos EUA. A primeira potência ocupa um lugar insubstituível na direção do sistema global de dominação, o que a leva a repetidas e fracassadas tentativas de recomposição da liderança.

O livro apresenta vários resultados possíveis para esta crise, revendo em particular duas visões dos dilemas em jogo. As teorias da sucessão hegemônica e do império global são discutidas levando em consideração o contraste com o antecedente britânico. A comparação entre o perfil nítido que o capitalismo contemporâneo apresenta e o curso indefinido do sistema imperial também esclarece esses dilemas.

Em diferentes partes do livro, são estudadas as relações que os Estados Unidos mantêm com outros membros da

estrutura imperial. Investiga como os antigos impérios europeus que atuam autonomamente em sua esfera de influência sofreram mutações, mas obedecem ao comando norte-americano nos assuntos globais. Essas formas de alter-imperialismo britânico ou francês coexistem com outras variedades de co-imperialismo australiano, canadense ou israelense. Os sócios que Washington colocou sob custódia de vários cantos do planeta mantêm uma relação estreita com seu padrinho.

Na terceira parte do livro inicia-se a avaliação dos poderes situados fora do sistema imperial. O estudo da China ocupa um lugar preponderante devido ao seu papel evidente no embate estratégico com os Estados Unidos. O texto destaca que esta licitação envolve dois poderes díspares, que exibem posições opostas diante do conflito. Enquanto Washington lidera uma agressão visando restabelecer sua liderança imperial, Pequim tenta sustentar seu crescimento econômico sem confrontos externos.

Os capítulos seguintes explicam a conexão dessa cautela com a restauração capitalista inconclusiva, o regime político único e a história de assédio externo que a China tem sofrido. A inédita combinação de expansão produtiva e prudência geopolítica que o gigante asiático está testando contrasta com a trajetória seguida pelos desafiantes da liderança internacional no século passado.

Mas o texto também destaca as tensões geradas pela introdução do capitalismo na China. Questiona as visões indulgentes, que desconhecem a incompatibilidade deste sistema com a proclamada "cooperação" para criar uma "globalização inclusiva". economia desenvolvida ou um grande credor.

Esta análise estende-se a uma revisão do que aconteceu na China durante a pandemia e a uma avaliação do significado da Rota da Seda . Neste capítulo, o conceito de desenvolvimento desigual e combinado é usado para explicar

como o país alcançou um desenvolvimento excepcional baseado em fundamentos socialistas, complementos mercantis e parâmetros capitalistas. Essa combinação permitiu o nascimento de um modelo vinculado à globalização, mas focado na retenção local do excedente. A ausência do neoliberalismo e da financeirização permitiu, por sua vez, limitar os desequilíbrios que afetaram o grosso de seus concorrentes.

No livro estima-se que o capitalismo já está muito presente na China, mas não exerce um controle efetivo sobre a economia como um todo. Como a nova classe burguesa não conseguiu obter o controle do estado (em uma transição socialista congelada), um status intermediário prevalece. Esse contexto diferencia o país da restauração capitalista já realizada no Leste Europeu e na Rússia. Esta avaliação conclui apontando que o perfil do país será definido ao longo de intensas lutas políticas e batalhas populares.

RÚSSIA E ORIENTE MÉDIO

A quarta seção estende as questões do status imperial à Rússia, observando que a plena restauração do capitalismo consolidou um pressuposto dessa condição. Também são destacadas as limitações dessa passagem, que emergem na vulnerabilidade do modelo econômico e na inserção internacional semiperiférica.

É evidente que a Rússia não faz parte do circuito dominante do imperialismo contemporâneo e que é assediada pelos Estados Unidos. Mas também é bem visível a sua ativa intervenção geopolítica externa, com grandes exhibições de arsenal de guerra. O livro propõe a figura de um império não hegemônico em construção, para conceituar essa combinação contraditória de poder sitiado e invasor. Isso explica por que a consolidação ou desvanecimento dessa marca dependerá do resultado da guerra na Ucrânia.

Esse olhar diverge da simples caracterização da Rússia como um império que retoma a trajetória do czarismo e polemiza com as frequentes analogias que são traçadas com a URSS. Ele lembra a ausência de capitalismo naquele regime e destaca que esse sistema incluía mecanismos de opressão externa, mas nunca configurava um "imperialismo soviético".

O texto também confirma que o colonialismo interno ressurgiu, mas sem definir um status imperial com essa recriação. A Rússia contém apenas de forma embrionária as características daquele dispositivo sob a liderança de Putin. Esse presidente confirmou seu total distanciamento do universo progressista, com políticas que validam privilégios de milionários, arbitram entre chauvinistas e liberais e perseguem a esquerda.

Essa avaliação da Rússia com os parâmetros do sistema imperial contemporâneo, dispensa os critérios legados por Lênin para dirimir essa condição. Neste caso, é evidente a inadequação deste instrumento. A Rússia falha em cumprir todos os pressupostos de supremacia financeira, o peso global dos monopólios ou o peso do capital exportado que esta abordagem exige. A posição imperial de uma nova potência não pode ser resolvida com meros indicadores econômicos.

A quinta seção aplica todas as categorias expostas ao que aconteceu em uma região dilacerada por confrontos militares. Postula que o derramamento de sangue registrado no "Grande Oriente Médio" não se deve a causas religiosas ou culturais, mas sim à tentativa dos Estados Unidos de recuperar a primazia nessa área. Ele detalha as agressões realizadas pelo Pentágono para administrar o petróleo, mobilizar forças militares, reprimir rebeliões e dissuadir rivais. Também confirma que o resultado adverso dessas operações levou à humilhação do Afeganistão, à retirada do Iraque, à fratura da Líbia e ao fracasso da Síria.

Naquela região, tem sido bem visível como as diferenças econômicas entre a Europa e os Estados Unidos coexistem com a subordinação de Bruxelas a Washington. As incursões limitadas de Paris ou Londres sempre foram consumadas com a aprovação prévia do Pentágono. Na mesma área foi confirmado que a Rússia está testando ações de grande potência, com presença militar direta na Síria. Essa incursão foi muito ilustrativa de um império em formação. Pelo contrário, o papel econômico da China sem correlato militar confirma o perfil não imperial do dragão asiático. Também no mundo árabe, Pequim prioriza a disputa de negócios com a oprimida concorrente norte-americana.

As anexações e o apartheid -implementado por Israel nesta região- são factíveis devido à sua integração na estrutura geopolítica interna dos Estados Unidos. Esta simbiose permite ao sionismo desenvolver uma expansão territorial, com modalidades obsoletas do colonialismo tardio.

O Oriente Médio também é o principal campo de comprovação do perfil contemporâneo que o subimperialismo apresenta. Três países dessa região têm características explícitas ou potenciais dessa condição, operando como economias intermediárias em tensão subordinada ou autônoma com os Estados Unidos. O subimperialismo está à vista no expansionismo da Turquia e pode se espalhar para a Arábia Saudita, se os monarcas consolidarem sua tendência belicista. A eventual reconstituição do mesmo status no Irã dependerá do desfecho das disputas com seus adversários na área.

DISPUTAS POLÍTICAS

A última seção do livro aborda algumas consequências políticas dos conflitos gerados pelo sistema imperial e revê o sentido contemporâneo do anti-imperialismo. Ressalta que a sucessão de derrotas enfrentadas pelos Estados Unidos no Oriente não implica em si vitórias populares contra a opressão externa.

No Afeganistão triunfou o retrógrado Talibã, no Iraque impera uma administração teocrática repressiva, na Líbia prevalece a distribuição do saque e na Síria a esperança democrática foi esmagada. Em todos esses casos, os desejos anti-imperialistas foram desviados para confrontos inter-religiosos e o projeto pan-árabe progressista foi substituído pelo sonho fundamentalista do Califado.

O anti-imperialismo é uma bússola importante para a esquerda, nos polêmicos conflitos do Oriente Médio. Este critério sublinha a gravitação da liderança popular nos confrontos contra o principal inimigo. Com essa indicação, diverge do mero alinhamento com os diferentes blocos geopolíticos que lutam na arena internacional. Ele também discorda das visões neutralistas, que evitam posições diante desses embates. Esta última posição ignora a incidência de tensões globais nas lutas nacionais de diferentes povos. Com essa visão e essas diretrizes, o livro avalia o que aconteceu na Síria e na Líbia.

As páginas seguintes investigam o que aconteceu na Ucrânia, destacando a responsabilidade primária dos Estados Unidos naquele conflito por sua recusa em negociar a contenção da OTAN e a neutralidade de Kiev. Washington encorajou o assédio de Moscou para subordinar a Europa e bloquear o intercâmbio econômico do Velho Continente com a Rússia. Também incentivou o nacionalismo reacionário que desencadeou o confronto e facilitou a destruição da convivência pacífica entre as duas regiões do país.

Mas a invasão russa não se limitou a proteger os colonos do Oriente. Ele quebrou as negociações de paz e introduziu uma resposta desproporcional e injustificada. Essa ação desconsiderou a opinião do povo ucraniano e contribuiu para revigorar os mitos do liberalismo ocidental. Os Estados Unidos se aproveitaram desse absurdo para manipular a soberania da Ucrânia, ocultando que o direito à autodeterminação nacional é inseparável, neste caso, da

desmilitarização e do alcance de um status de equidistância internacional para o país.

Com essa perspectiva, o livro sustenta os apelos ao reinício das negociações para deter a tragédia humanitária que a guerra desencadeou. Essa saída oferece o curso mais progressivo no cenário atual. Contrasta com as posições brandas em relação à OTAN (e os apelos ao fornecimento de armas à Ucrânia), promovidas por algumas correntes de esquerda. Com a mesma ênfase, rejeita-se a invasão russa, salientando-se as consequências negativas dessa incursão.

O capítulo final complementa essas duas avaliações do Oriente Médio e da Ucrânia com uma resposta aos críticos de nossa tese, que levantaram suas objeções aos artigos preparatórios deste livro. Este debate esclarece por que a renovada competição econômica não recria as guerras entre as principais potências capitalistas. A polémica também contribui para compreender o papel da Rússia e da China devido à sua exclusão do quadro dominante e corrobora que o quadro atual não é compreensível com a velha oposição entre imperialismos e semicolônias. A discussão é particularmente útil para registrar como a repetição de fórmulas dogmáticas obstrui a ação da esquerda.

O livro exclui referências à América Latina, já que esse tema já foi tratado em outro texto a ser publicado (Las encrucijadas de América Latina. Derecha, progresivismo y izquierda en el siglo XXI , Batalha de Ideas, 2023).

Todos os capítulos deste volume reúnem artigos publicados nas datas especificadas de cada texto. Muitas questões sobre o imperialismo atual permanecem pendentes, o que leva a novas elaborações e debates promissores. A caracterização do sistema imperial é essencial para entender e transformar a realidade contemporânea.

By [Partido Comunista Revolucionario dos Trabalhadores](#) at [junho 21, 2023](#)

[Enviar por e-mail](#)[Postar no blog!](#)[Compartilhar no Twitter](#)[Compartilhar no Facebook](#)[Compartilhar com o Pinterest](#)